



RESUMOS DAS MONOGRAFIAS/TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO
33º CURSO DE LICENCIATURA EM ENFERMAGEM



Título do Estudo: Literacia em Saúde Mental Positiva nos Enfermeiros dos Cuidados de Saúde Primários

Investigadores Principais/Orientadores: Professor Doutor Amadeu Gonçalves, Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Carolina Maria Mendes Figueiredo, Catarina Isabel Silva Martins, Diana Carolina Cunha Fontes Martinho, Diana Ferreira dos Santos, Diana Ferreira Ribeiro

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Enquadramento: Para que os enfermeiros de Cuidados de Saúde Primários consigam prestar cuidados de qualidade aos utentes e à comunidade, têm de ter um nível desejável de saúde mental positiva, utilizando as ‘ferramentas’ indispensáveis à promoção do autocontrolo, facilitação da troca de sentimentos negativos por positivos e serem detentores de técnicas criativas para a resolução de problemas da sua prática profissional quotidiana.

Objetivos: Verificar que variáveis sociodemográficas, contextuais à história de doença, de comportamentos de saúde relativamente ao último mês interferem na saúde mental positiva dos enfermeiros dos cuidados de saúde primários; verificar se existe relação entre a literacia em saúde mental e a saúde mental positiva dos enfermeiros dos cuidados de saúde primários; averiguar se existe relação entre o que é importante para uma boa saúde mental e a saúde mental positiva dos enfermeiros dos cuidados de saúde primários.

Métodos: Estudo não experimental, de matriz transversal, descritivo-correlacional e de natureza quantitativa com a participação de 89 enfermeiros a exercerem funções em Centros de Saúde do ACeS Dão Lafões, com predomínio do género feminino (82,0%), com uma idade média de $45,60 \pm 8,43$ anos. O instrumento de colheita de dados incluiu um questionário sociodemográfico, da história de doença mental, dos comportamentos de saúde, a Escala de Literacia em Saúde Mental (O’Conner et al., 2015) adaptada e validada para a população portuguesa por Loureiro e Carvalho (2018), o Questionário de Saúde Mental Positiva traduzido e adaptado para a população portuguesa por Sequeira, Carvalho, Sampaio, Sá, Lluch-Canut e Roldán-Merino (2014) e a Escala O que é importante para uma boa saúde mental? (Chaves, Sequeira & Duarte, 2019).

Resultados: A idade, os anos de experiência profissional e o número de horas de trabalho por semana foram as variáveis sociodemográficas que interferiram na saúde mental positiva dos enfermeiros. As variáveis contextuais à história de doença mental, que interferiram na saúde mental positiva, foram não ter algum problema de saúde mental e nunca ter tido a necessidade de acompanhamento psicológico ou psiquiátrico. As variáveis de comportamentos de saúde relativamente ao último mês que interferiram na saúde mental positiva dos enfermeiros foram estar satisfeito com o seu sono, não tomar medicação para dormir e não tomar medicação de forma regular para algum problema de saúde mental. A análise da relação entre a saúde mental positiva e a literacia em saúde mental revela que os enfermeiros com literacia crítica apresentam melhores níveis de saúde mental positiva. As variáveis preditoras da saúde mental positiva são o sexo masculino, idade, os anos de experiência profissional, as horas de sono por dia, o total do que é importante para uma boa saúde mental e a literacia em saúde mental.

Conclusão: Os enfermeiros de Cuidados de Saúde Primários revelam mais saúde mental positiva ao nível da resolução de problemas e realização pessoal, satisfação pessoal e habilidade de relação interpessoal.

Palavras-chave: Enfermeiro; Cuidados de Saúde Primários; Saúde mental positiva.



Título do Estudo: Literacia em Saúde Mental em comunidades específicas

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Cláudia Chaves, Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Isabel da Costa Pereira, Hugo Fernandes Martins, Joana Borges Pais, Luís Carlos Ferreira Coimbra, Maria Odete Machado Pereira

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Enquadramento: A invisibilidade das mulheres trabalhadoras rurais é um dos fatores mais preocupantes em zonas do interior do país. A mulher rural está exposta a riscos e vulnerabilidades, pois vive e atua em um contexto onde o trabalho maior é manual, o que desgasta a mulher física e psicologicamente.

Objetivos: Descrever o nível de literacia em saúde mental das mulheres agricultoras; Descrever o papel das mulheres agricultoras na promoção dos hábitos alimentares dos elementos do seu agregado familiar; Descrever a perceção da saúde das mulheres agricultoras; Descrever a perceção das mulheres em relação à utilização de produtos agrotóxicos.

Metodologia: Estudo de natureza quantitativa, descritivo e exploratório correlacional, com 67 participantes, do sexo feminino que praticam atividade agrícola. Para recolha de dados foi utilizado um questionário com caracterização sociodemográfica, práticas culturais agrícolas, práticas alimentares, variáveis de contexto clínico, e Questionário Adesão à Dieta Mediterrânea (elaborado com base no PREDIMED, adaptado Martínez-González et al., 2012) e a Escala de Avaliação de Literacia em Saúde Mental (Chaves et al, 2020).

Resultados: Na amostra em estudo podemos concluir que a perceção de saúde para a maioria (71,6%) e de uma saúde Boa/Muito Boa. Quando avaliada a noção de nocividade dos produtos agrotóxicos, concluímos que em ambas as faixas etárias consideram os produtos agrotóxico como algo que deveríamos evitar. Concluímos que a maioria das nossas inquiridas não adere à dieta mediterrânea. Acerca da literacia em saúde, conclui-se que a faixa etária com melhor literacia em saúde é a inferior ou igual a 51 anos.

Conclusões: A faixa etária com idade inferior ou igual a 51 anos tem uma maior literacia em saúde assim como podemos concluir que a maioria dos inquiridos tem uma boa ou muito boa perceção de saúde. Conclui-se também que uma grande maioria das inquiridas, considera que os produtos agrotóxicos podem ser evitados. A nível da dieta mediterrânea, concluímos que a generalidade não adere.

Palavras-chave: Mulheres; Agricultores; Saúde; Papel do Enfermeiro.



Título do Estudo: Práticas Inclusivas no I.P.V.: Perceções sobre a Implementação de um Programa de Mentoria

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Emília Coutinho

Investigadores Colaboradores (alunos): Cátia Sousa Loureiro, Elisa Manuela Gonçalves dos Santos, Inês Solange Loureiro Coelho, Simone Gomes Almeida Susana Beatriz Madalena Vaz Alves

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Enquadramento: A implementação dos princípios da educação inclusiva no ensino superior é um desafio à própria instituição, professores e estudantes, o que pode ser concretizado na implementação de Programas de Mentoria/Tutoria.

Objetivos: Conhecer as práticas inclusivas desenvolvidas no I.P.V.; Compreender o significado atribuído pelos estudantes e professores ao Programa de Mentoria/Tutoria implementado; Construir uma proposta de Programa de Mentoria, considerando os resultados obtidos no presente estudo, vertido num Manual de Tutoria/Mentoria.

Metodologia: Estudo descritivo e exploratório, de natureza qualitativa com enfoque etnográfico, tendo decorrido em duas unidades orgânicas do IPV, a ESSV e a ESTGL, no período de 2 a 6 de março de 2020. Como instrumento de recolha de dados a entrevista semiestruturada a 32 participantes e a narrativa a 65 participantes, num total de 97 participantes no estudo. A entrevista foi realizada numa amostra de 15 mentorados, 15 mentores e 2 tutores. As 65 narrativas foram obtidas por resposta a formulário com três perguntas abertas, aplicadas (através de Google Forms on-line), a estudantes das turmas dos 1.º e 2.º anos e a tutores de ambas as unidades orgânicas. O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética. Os dados foram tratados através de análise qualitativa de dados organizados pelo software NVivo versão 12.0.

Resultados: Emergiram seis categorias de significado: “Conceitos centrais à Mentoria”, “Caracterização do Programa de Mentoria implementado”, “Significado atribuído ao Programa de Mentoria implementado”, “Benefícios do Programa de Mentoria implementado”, “Constrangimentos decorrentes do Programa de Mentoria implementado” e “Melhorias a implementar ao Programa de Mentoria”. Destas, as mais referenciadas foram “Benefícios do Programa de Mentoria implementado”, “Melhorias a implementar ao Programa de Mentoria” “Constrangimentos decorrentes do Programa de Mentoria implementado”, “Significado atribuído ao Programa de Mentoria implementado”. Por um lado, registaram-se benefícios do Programa de Mentoria implementado, como promover a inclusão, permitir a partilha de conhecimentos e experiências, evitar atitudes praxistas de desrespeito, estreitar as relações entre as pessoas, desenvolver competências relacionais, desenvolver a interculturalidade, desenvolver a cidadania, alertar para a eventual existência de situações de exclusão, promover a integração dos estudantes recémchegados; por outro lado, verificaram-se constrangimentos, como desorganização na implementação do programa, ausência de uma apresentação inicial entre mentores e mentorados, falta de formação prévia na área da Mentoria, início tardio do Programa de Mentoria, falta de adesão por parte dos participantes (mentores e mentorados), desconhecimento do papel do mentor, dificuldades de comunicação e horários incompatíveis.

Conclusão: Da implementação do projeto piloto de mentoria conseguiu-se conhecer as práticas inclusivas desenvolvidas no I.P.V.; compreender o significado atribuído pelos estudantes e professores ao Programa de Mentoria/Tutoria implementado; construir uma proposta de Programa de Mentoria, considerando os resultados obtidos no presente estudo; elaborar um Manual de Tutoria/Mentoria. Apesar dos constrangimentos encontrados, a instituição deu um primeiro passo para uma prática inclusiva pela mentoria, com identificação de benefícios decorrentes da implementação do programa e identificação de sugestões de melhorias apresentadas pelos participantes, culminando no refinamento de um futuro programa de mentoria a implementar.

Palavras-chave: Mentoria; Ensino superior; Práticas inclusivas.

Título do Estudo: Violência no namoro: Impacto dos contextos sociodemográficos, de saúde, afetivos e psicológicos

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Paula Nelas, Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Andreia Bento Lopes, Andreia dos Santos Gomes, Ângela Patrícia Ferreira Neves, Bruno Seara Murtinheira, Cláudia Sequeira Lemos

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Enquadramento: Violência no namoro é definida como qualquer abuso intencional, psicológico/emocional, físico e sexual que ocorre entre pessoas envolvidas num relacionamento íntimo. É um evento significativo com consequências imediatas e tardias para a saúde. Configura-se como um preditor de violência conjugal na idade adulta e deve ser vista como um importante problema de saúde pública.

Objetivos: Identificar as variáveis sociodemográficas e académicas que influenciam a violência no namoro; averiguar quais os estilos de vida que mais influenciam a violência no namoro; identificar que variáveis de caracterização de saúde interferem na violência no namoro; analisar a relação entre os contextos afetivos e a violência no namoro; determinar se existe relação entre as estratégias de coping, a resiliência e a violência no namoro.

Metodologia: Estudo quantitativo, descritivo-correlacional e transversal. Amostra constituída por 429 estudantes, maioritariamente do género feminino (79,7%), com uma média de idade de 22,11 anos ($D_p=4,55$). Para recolha de dados, utilizou-se o questionário que permitiu fazer a caracterização sociodemográfica, estilos de vida, saúde sexual, reprodutiva e afetiva. Foi ainda incluída a Escala de Resiliência de Wagnild e Young (1993), a Escala Brief Cope (Carver, 1989), validada para a população portuguesa por Pais-Ribeiro e Rodrigues (2004) e a Escala de Práticas e Comportamentos de Violência no Namoro, adaptada e traduzida para a população portuguesa por Dixe, Rodrigues, Freire, Rodrigues, Fernandes e Dias (2010).

Resultados: A grande maioria dos estudantes (89,7%) não foi vítima de violência no namoro 11,9% são vítimas de violência na atual relação de namoro. Os estudantes do género masculino, do curso de humanidades e os que já reprovaram manifestam práticas e comportamentos de violência mais frequentes, com diferenças estatisticamente significativas ($p<0,05$). Os estudantes com hábitos tabágicos são os que revelam práticas e comportamentos de vitimização mais frequentes ($p<0,05$). Os estudantes que já iniciaram a sua vida sexual, que admitem ser vítima de violência no atual namoro, os que já foram vítima de violência em relações de namoro anterior, aqueles que não têm uma boa relação familiar e não possuem uma boa relação com os amigos manifestam práticas e comportamentos de vitimização mais frequentes ($p<0,05$). As variáveis preditoras das práticas e comportamentos de violência no namoro são a serenidade, a idade, abuso de substâncias, Auto culpabilização e a negação.

Conclusão: É importante implementar precocemente ações preventivas nas escolas, envolvendo as famílias e a comunidade. O enfermeiro desempenha um importante papel na desconstrução dos atuais padrões culturais de género, apoiando a formação pedagógica desde idades precoces até ao ensino superior.

Palavras-chave: Violência no namoro; determinantes sociodemográficos, afetivos, saúde, psicológicos.



Título do Estudo: Sexualidade & Afetos: estudo do impacto de um programa de intervenção com alunos do 2º ciclo do Ensino Básico

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Maria da Graça Ferreira Aparício da Costa

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Carolina de Campos Casimiro, Catarina Isabel Rodrigues de Azevedo Cláudia Francisca Cardoso da Silva, Jéssica Patrícia Pais Lopes, Marta Filipa da Silva Gomes

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Introdução: A sexualidade é um aspeto central do ser humano ao longo da vida, constituindo o acesso à informação e à educação sobre sexualidade um direito fundamental e um fator protetor dos comportamentos sexuais de risco, sobretudo junto das populações jovens (Carvalho, Pinheiro, Gouveia & Vilar, 2017). Nesse sentido, a educação sexual em meio escolar, iniciada em Portugal em 1989, é atualmente um programa de caráter obrigatório, desenvolvido no âmbito da educação para a saúde, tendo como principais intervenientes os professores e outros agentes externos à escola, num trabalho que se pretende de complementaridade com a família.

Objetivos: Avaliar o impacto da formação sobre sexualidade & afetos no nível de conhecimentos dos alunos que participaram numa atividade formativa no 5º e 6º anos de escolaridade; Analisar a influência das variáveis sociodemográficas e contextuais no nível de conhecimentos dos alunos que participaram na atividade formativa sobre sexualidade & afetos no 5º e 6º anos de escolaridade; Analisar a diferença no nível de conhecimentos entre os alunos que participaram na atividade formativa sobre sexualidade & afetos no 5º e 6º anos do 2º ciclo do EB e aqueles que apenas participaram no 6º ano de escolaridade, no ano letivo 2018-2019.

Metodologia: Trabalho de análise quantitativa e corte longitudinal em painel de curta duração, realizado numa amostra de 104 adolescentes, 53,85% do sexo feminino, a frequentar o 6º ano de escolaridade do Ensino Básico (EB), num agrupamento escolar da região centro de Portugal no ano letivo 2018-2019. Tinham média de idades de 11.36 ± 0.58 anos, e participaram na atividade formativa nos dois anos letivos do 2º ciclo do EB. Foi aplicado um questionário antes e após a intervenção formativa, constituído por uma parte de caracterização sociodemográfica e contextual e outra composta por 30 afirmações de resposta dicotómica (verdadeiro e falso), elaborado para o efeito com base nas orientações do programa PRESSE.

Resultados: Os adolescentes tinham um mínimo de 11 e máximo de 14 anos, 67,3% com idade igual a 11 anos, residiam na sua maioria em meio urbano (80,8%) e 59,6% com os pais e outros familiares. No global 90,4% e 89,4% referiram já ter falado respetivamente sobre sexualidade e afetos, sobretudo em formações anteriores (55,3% e 55,9% respetivamente). Em resposta às questões colocadas, verificou-se que a intervenção formativa teve impacto positivo e significativo no nível de conhecimentos dos adolescentes ($M=26,17 \pm 2,64$; $p=0,000$). Das variáveis estudadas, apenas “terem falado sobre sexualidade e afetos” e o “interlocutor preferencial” interferiram estatisticamente nos conhecimentos dos alunos. O grupo de alunos que realizou as formações nos dois anos consecutivos revelou correlações mais elevadas ($r=0,376$ versus $r=0,222$), porém, sem diferenças estatísticas significativas ($Z=1,202$; $p=0,229$).

Conclusão: O estudo permitiu atingir os objetivos propostos e evidenciou o impacto positivo da intervenção formativa no nível de conhecimentos sobre sexualidade e afetos dos adolescentes. Enquanto atividade de extensão à comunidade constituiu um contributo para o desenvolvimento de competências dos adolescentes, que se espera facilitem o confronto com as mudanças da puberdade e para o desenvolvimento progressivo da capacidade de fazerem escolhas individuais mais conscientes e responsáveis.

Palavras-chave: Adolescentes; Sexualidade; Afetos; Programa de intervenção.



Título do Estudo: Educação para a sexualidade e afetos na escola e na família: percepção dos pais

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Maria Isabel Bica Carvalho Costa

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Beatriz Leite Amaral, Daniela Matos Henriques, João Miguel Nogueira da Costa, Mafalda Margarida Marques Martelo Magalhães, Ricardo Jorge Pereira Loureiro

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Enquadramento: O desenvolvimento de uma sexualidade saudável é um marco fundamental para o desenvolvimento das crianças e adolescentes que dependem da aquisição de informações e formação de atitudes, crenças e valores, orientação sexual, identidade de género, relacionamentos e intimidade, quer por parte da escola, quer por parte dos pais (pai e mãe).

Objetivos: Averiguar a percepção dos pais (pai e mãe) sobre a educação para a sexualidade e afetos promovida pela escola e pela família; verificar quais as variáveis sociodemográficas e profissionais que interferem na percepção dos pais (pai e mãe) sobre a educação para a sexualidade e afetos promovida pela escola e pela família; avaliar quais as variáveis contextuais à sexualidade e afetos que interferem na percepção dos pais (pai e mãe) sobre a educação para a sexualidade e afetos promovida pela escola e pela família.

Metodologia: Estudo quantitativo, descritivo, analítico-correlacional, de cariz transversal, numa amostra não probabilística em bola de neve, envolvendo 107 pais (pai e mãe) com filhas/os a frequentarem o 2º Ciclo do Ensino Básico de Escolas da Zona Centro do País. Como instrumento de recolha de dados, optou-se por um questionário realizado ad hoc, com base na revisão da literatura e revisto por um grupo de peritos.

Resultados: Os participantes apresentam uma idade mínima de 25 anos e máxima de 56 anos, com uma média de 41,71 anos ($\pm 5,66$ anos), estando em maioria as mães (86,0%). Uma ação articulada entre escola-família/pais sobre a educação para os afetos e a sexualidade foi considerada importante para 97,2% dos pais (pai e mãe), com prevalência dos que já falaram sobre afetos (90,7%) e sexualidade (78,5%) com os filhos. A variável “dificuldades em falar sobre sexualidade com o filho” interferiu significativamente na percepção dos pais (pai e mãe). Por conseguinte, os pais (pai e mãe) com melhor percepção sobre a educação para a sexualidade e afetos promovida pela escola e pela família são os que referem não ter sentido dificuldades em falar sobre sexualidade com o seu filho, resultando em diferenças estatisticamente significativas ($p=0,029$).

Conclusão: Os resultados sugerem a implementação e/ou dar continuidade a programas formativos nas escolas dirigidas quer aos alunos, quer aos pais (pai e mãe), como meio de promover uma maior literacia sobre esta temática, desempenhando o enfermeiro um papel fundamental.

Palavras-chave: Sexualidade; Afetos; Escola; Família.



Título do Estudo: Condicionantes emocionais da alimentação em cidadãos portugueses

Investigadores Principais/Orientadores: Professor Doutor João Duarte, Professora Doutora Sofia Campos

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Filipa Gomes Oliveira, Eliana Silva Gonçalves, Inês Filipa Figueiredo Rodrigues, Micaela Gomes Prior, Regina Cardoso Rodrigues

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Enquadramento: O comportamento alimentar saudável é um determinante essencial da saúde em geral. Objetivos: Identificar quais as variáveis sociodemográficas com impacto nas motivações emocionais; Verificar se as motivações emocionais interferem no comportamento alimentar; Averiguar de que modo os elementos relacionados com o comportamento e a saúde interferem nas motivações emocionais.

Metodologia: Estudo transversal, descritivo relacional, envolvendo uma amostra de 1314 participantes, maioritariamente feminina (67,0%), com uma idade média de 37,36 anos ($\pm 14,72$ anos). A recolha de dados foi suportada num questionário de dados demográficos, elementos relacionados com o comportamento e a saúde e pela Escala Motivações Emocionais.

Resultados: As mulheres ($M=19,20\pm 5,97$) interferem mais nas motivações emocionais a nível das suas escolhas alimentares do que os homens ($M=18,38\pm 5,19$), estando em maioria os participantes motivados (43,5%), seguidos dos pouco motivados (30,1%). Todas as variáveis sociodemográficas (género, idade, nível de ensino, país de residência, local de residência, estado civil, atividade profissional atual, aquisição dos alimentos que consome) interferem nas motivações emocionais, sendo os participantes do género feminino, os jovens adultos, os participantes com o ensino secundário, residentes em meio rural, os solteiros/divorciados/separados, que não estão no ativo profissionalmente, os participantes cuja área de atividade profissional/estudos é a alimentação, os que não são responsáveis por adquirir os alimentos que consomem, aqueles que interferem mais nas motivações emocionais no que se refere à alimentação. A prática de exercício físico, a média de horas de tempo de ecrã por dia e a experiência de algum episódio de um distúrbio do comportamento alimentar são as variáveis relacionadas com o comportamento e com a saúde e interferem nas motivações emocionais, aferindo-se que os participantes que nunca ou esporadicamente praticam exercício físico, os que passam menos horas, em média, de tempo de ecrã por dia e aqueles que já experienciaram algum episódio de um distúrbio do comportamento alimentar os que interferem mais nas motivações emocionais.

Conclusão: Os resultados sugerem a necessidade de uma intervenção antecipada e eficaz para que se possa assegurar mais saúde e bem-estar às comunidades locais em termos de comportamentos e escolhas alimentares, estando-se mais atentos às suas necessidades nutricionais, intervindo ao nível das suas motivações emocionais e diminuir comportamentos alimentares pouco saudáveis, visando a minimização do impacto das motivações emocionais negativas e de tudo o que lhe está subjacente, potenciando comportamentos alimentares mais saudáveis.

Palavras-chave: Comportamento alimentar; Motivações emocionais; Cidadãos portugueses.



Título do Estudo: Motivações sociais e culturais: condicionantes do comportamento alimentar

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Lúdia Cabral

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Carolina Augusta Ribeiro, Ana Raquel Garcia Magueijo, Aurora Francisca Lopes Pereira, Helena Margarida Oliveira Pereira, Vanessa Catarina de Jesus Teixeira

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Enquadramento: As escolhas alimentares dependem de três tipos de fatores, nomeadamente: fisiológicos, motivacionais (sociais e culturais) e ambientais. Assim, assumiu-se como pertinente identificar quais as motivações sociais e culturais que levam as pessoas às escolhas alimentares. Esses determinantes comportamentais devem ser identificados para que se possa direcionar e adaptar as intervenções de promoção da saúde.

Objetivos: Verificar se as variáveis sociodemográficas interferem nas motivações sociais e culturais, como condicionantes do comportamento alimentar; averiguar qual a relação entre praticar voluntariamente algum regime alimentar específico e as motivações sociais e culturais do comportamento alimentar; identificar que fontes informativas sobre uma alimentação saudável interferem nas motivações sociais e culturais do comportamento alimentar.

Metodologia: Estudo quantitativo, transversal, descritivo e relacional. O instrumento de recolha de dados utilizado foi o Questionário sobre Motivações Alimentares: EATMOT, que visa recolher dados para a realização de uma investigação sobre os fatores que influenciam a escolha alimentar em diferentes países. Esta investigação está integrada num projeto internacional liderado pelo Centro de Investigação CI&DETS do Instituto Politécnico de Viseu, Portugal (PROJ/CI&DETS/2016/0008: EATMOT). A amostra é constituída 1314 inquiridos, sendo maioritariamente feminina (67,0%), com uma idade média de 37,36 anos ($\pm 14,72$ anos).

Resultados: Todas as variáveis sociodemográficas interferem nas motivações sociais e culturais do comportamento alimentar, sendo as mulheres, os jovens adultos, os participantes com o ensino secundário, residentes em meio rural, os solteiros/divorciados/separados, que não estão ativos profissionalmente, que não são responsáveis por adquirir os alimentos que consomem e aqueles que não praticam voluntariamente algum regime alimentar específico que revelam estar mais motivados culturalmente. Os homens, os adultos, os participantes com o ensino superior, residentes em meio urbano, casados ou a viverem em união de facto, ativos profissionalmente, responsáveis por adquirir os alimentos que consomem e que praticam voluntariamente algum regime alimentar específico sentem-se mais motivados socialmente em termos de comportamento alimentar. Os participantes em que a televisão é uma fonte de informação sobre a alimentação saudável têm uma probabilidade de 53,6% de estarem mais motivados social e culturalmente. Em 54,5% de participantes motivados cultural e socialmente, a escola é frequentemente/sempre uma fonte informativa sobre uma alimentação saudável.

Conclusão: Os resultados encontrados revelam que os participantes demonstram mais motivações sociais como condicionantes do seu comportamento alimentar.

Palavras-chave: Comportamento alimentar; Motivações sociais e culturais.



Título do Estudo: A Satisfação da Pessoa com Artrite Reumatóide com a Assistência na Consulta de Ambulatório: Estudo de Caso

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Madalena Cunha

Investigadores Colaboradores (alunos): Telma Sofia Carreira Balula

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Introdução: O conceito de satisfação reflete a interpretação subjetiva e individual de determinados padrões, de cada indivíduo. Num serviço de saúde, este indicador é importante para a determinação e avaliação da qualidade dos cuidados prestados ao utente. A sua caracterização permitirá identificar as necessidades/problemas que carece de implementações de novas medidas/paradigmas para poder-se colmatar essas necessidades e elevar a satisfação e confiança do utente.

Objetivos: Avaliar a satisfação da Pessoa com artrite reumatoide com a assistência na consulta de ambulatório. **Métodos:** O estudo, de natureza descritivo, foi conduzido segundo um enfoque transversal. A recolha de dados assentou na aplicação de um questionário sociodemográfico e clínico e na escala de satisfação, maioritariamente por via telefónica. A amostra ficou constituída por 139 utentes, 111 do género feminino, com idades compreendidas entre 26 e 85 anos, e uma média de idades de 63,05 anos. O estudo obteve parecer favorável da Comissão de Ética para a saúde e autorização para recolha de dados do dirigente da instituição de saúde.

Resultados: Os utentes manifestaram-se sobre a assistência prestada na consulta de ambulatório de reumatologia. Apurou-se que em diversos parâmetros, os utentes com AR apresentaram percentagem de respostas positivas, atingindo valores elevados de satisfação (100%). Porém denotou-se a existência de um parâmetro que necessita de intervenção que consiste no “Tempo de Espera” que pontuou com insatisfação em 28,8% dos inquiridos. A satisfação do utente é influenciada pelas habilitações académicas, constatando que maior nível de satisfação se associa ao maior grau de escolaridade.

Conclusões: Os resultados sugerem que a instituição implementa novas estratégias para colmatar as necessidades que foram detetadas. Uma das medidas que poderá ser adota é a implementação de consultas por marcação de forma a reduzir o tempo de espera do utente dentro das instalações

Palavras Chaves: Artrite Reumatoide, Satisfação do utente

Título do Estudo: A saúde oral na qualidade de vida dos estudantes de enfermagem

Investigadores Principais/Orientadores: Professor Doutor António Madureira

Investigadores Colaboradores (alunos): José Maria Ferreira Rebelo, Mariana Pereira Lameiras, Marta Fernandes dos Santos Figueiredo, Renato Emanuel Marques dos Santos, Ricardo Marques Macedo

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Enquadramento: A avaliação da qualidade de vida relacionada com a saúde oral (QdVRSO) depende da experiência individual, que é afetada por fatores sociais, psicológicos, socioeconómicos, demográficos e culturais. Deste modo, desenvolveu-se o presente estudo que tem como objetivo relacionar a influência de fatores sociodemográficos, de hábitos de higiene oral, de comportamentos de risco para a cárie dentária e a doença periodontal e de vigilância de saúde oral na QdVRSO de estudantes de enfermagem.

Métodos: Estudo não experimental, de matriz transversal, descritivo-correlacional e de natureza quantitativa, numa amostra probabilística estratificada por curso e género, constituída por 289 estudantes de enfermagem da Escola Superior de Saúde de Viseu, sendo maioritariamente feminina (n=236). O instrumento de colheita de dados incluiu um questionário sociodemográfico, de caracterização dos comportamentos de risco para a cárie dentária e a doença periodontal, dos hábitos de higiene oral e da vigilância de saúde oral, bem como o Oral Health Behaviour Perception Scale Applied Among a Sample of Portuguese Adolescents: o Índice OHIP-14 (Perfil de Impacto na Saúde Oral) na sua versão portuguesa.

Resultados: Os estudantes têm uma melhor perceção da sua QdVRSO ao nível da desvantagem (M=0,61), incapacidade social (M=0,69) e limitação funcional (M=0,85), com registo de maiores pontuações no desconforto psicológico (M=2,53) e na incapacidade física (M=1,31), sugerindo uma pior perceção da QdVRSO nestes domínios. Não se confirmou a relação entre as variáveis sociodemográficas e de caracterização dos hábitos de higiene oral na QdVRSO dos estudantes de enfermagem. A única variável de comportamentos de risco para a cárie dentária e a doença periodontal com relevância estatisticamente significativa na QdVRSO foi o consumo de tabaco, sendo os estudantes sem hábitos tabágicos os que revelam melhor perceção da sua QdVRSO. Todas as variáveis de caracterização de vigilância de saúde oral interferiram na QdVRSO dos estudantes de enfermagem, sendo os estudantes que não tiveram dores de dentes nos últimos 12 meses, os que referem não ter medo de ir ao médico, que não sangraram das gengivas enquanto escovavam os dentes, nos últimos 12 meses e os que não tiveram inflamação nas gengivas nos últimos 12 meses que revelaram uma perceção mais positiva da sua QdVRSO.

Conclusão: Tendo-se constatado que as variáveis de caracterização de vigilância de saúde oral interferem na QdVRSO dos estudantes de enfermagem, importa dotar os estudantes de mais literacia em saúde oral, o que pode ser feito através de programas de saúde oral em contexto escolar numa parceria entre os enfermeiros de saúde comunitária e médicos dentistas.

Palavras-chave: Estudantes; Enfermagem; Qualidade de vida relacionada com a saúde oral.



Título do Estudo: Perceção dos Enfermeiros sobre as decisões de fim de vida

Investigadores Principais/Orientadores: Professor Doutor Olivério Ribeiro

Investigadores Colaboradores (alunos): Adriano Filipe Silva Venicio, Beatriz de Almeida Santos, Marlene dos Santos Esteves Tatiana Raquel Sampaio Neves, Tânia Viana Miranda

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Introdução: O interesse em alargar o conhecimento sobre a perceção dos enfermeiros perante as decisões em fim de vida constitui-se o foco do presente estudo. Respeitar o doente e preservar a dignidade da pessoa humana é uma parte inseparável dos cuidados de enfermagem.

Objetivo: Conhecer as atitudes dos enfermeiros perante as decisões em fim de vida; verificar quais as atitudes dos enfermeiros perante os cuidados de enfermagem relacionados com as decisões na fase terminal da vida; averiguar as opiniões dos enfermeiros sobre a eutanásia.

Métodos: Estudo quantitativo, descritivo e analítico, com enfoque transversal. Para o estudo, aplicou-se o questionário de autoria de Nogueira (2010), numa amostra de 101 enfermeiros, maioritariamente do género feminino (75,2%), com uma média de idade $32,60 \pm 8,85$ anos, com predomínio de enfermeiros com idade entre os 26-35 anos (40,6%).

Resultados: Concluiu-se que 78,4% dos enfermeiros relataram que já houve a aplicação de decisões na fase terminal da vida com possíveis efeitos ou efeitos reais de redução do tempo de vida do doente. Quanto às suas atitudes perante decisões de fim de vida, no global, estes demonstram querer estar envolvidos nos processos de decisões sobre os doentes. As opiniões sobre a eutanásia revelam que a maioria concorda/concorda totalmente que os cuidados paliativos de boa qualidade previnem muitos pedidos de eutanásia; que os médicos devem falar previamente com os enfermeiros que mantêm contacto regular com o doente, sobre os pedidos de eutanásia; que a administração de substâncias em casos de eutanásia é uma tarefa passível de ser executada por enfermeiros; que há possibilidade de o doente ter mais propensão para fazer um pedido de eutanásia aos enfermeiros do que aos médicos. Prevalecem os enfermeiros que discordam totalmente/discordam que, em casos de eutanásia, a função dos enfermeiros restringir-se à prestação de cuidados ao doente e aos seus entes próximos, que a indução do estado de inconsciência até à morte seja uma boa alternativa para a eutanásia.

Conclusão: As evidências encontradas assumem-se como referência para o desenvolvimento de estratégias eficazes para promover cuidados em final de vida que respeitem a dignidade do doente.

Palavras-chave: Enfermeiro; Atitudes; Fim de vida; Eutanásia.



Título do Estudo: Atitudes dos Enfermeiros dos cuidados de saúde primários face à parceria da família nos cuidados de Enfermagem

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Ana Isabel Nunes Pereira de Azevedo e Andrade Professor Doutor João Carvalho Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Catarina Pereira Araújo, Ecaterina Cebotareanu, Estela Martins Lopes, Luís Carlos Rodrigues Silva, Sara Marlene Rocha Almeida

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Enquadramento: Nos Cuidados de Saúde Primários, a contribuição do enfermeiro de família é inegável e tem-se tornado cada vez mais evidente, quer no que se refere à atuação nos cuidados diretos a partir do seu conhecimento específico, quer na gestão dos diversos programas de saúde, que contemplam cada uma das etapas do ciclo de vida familiar. O envolvimento da família nos cuidados tem de ser bem acompanhado pelo enfermeiro, sem que este se sinta ameaçado pela presença do familiar.

Objetivos: Identificar as atitudes dos Enfermeiros dos CSP face à parceria da família nos cuidados de Enfermagem; Verificar se as variáveis sociodemográficas, de formação e profissionais influenciam as atitudes dos Enfermeiros.

Métodos: Estudo não experimental, de matriz transversal, descritivo-correlacional e de natureza quantitativa com a participação de 25 enfermeiros a exercerem funções de enfermeiro de família no âmbito dos CSP, com predomínio do género feminino, com uma idade inferior ou igual a 50 anos. O instrumento de colheita de dados incluiu um questionário sociodemográfico “Família nos cuidados de enfermagem: perceção e atitudes dos enfermeiros de cuidados de saúde primários”, a escala “Escala: Avaliação da Perceção dos Enfermeiros da Enfermagem com Famílias (PEEF) (Freitas, 2011)” e a escala “Escala: Importância das Famílias nos Cuidados de Enfermagem-Atitudes dos Enfermeiros (IFCE-AE) (Benzein, Arestedt, Jonhansson & Saveman, 2008, adaptada e aliviada, por Oliveira, Fernandes et al., 2011).

Resultados: Os enfermeiros com atitudes mais positivas, quanto à família, como parceira, nos cuidados de Enfermagem, são do género feminino, com idade ≤ 50 anos, com companheiro, licenciados, que possuem formação em Enfermagem de Família, detentores da Pós-licenciatura e Pós-graduação, com categoria profissional de Enfermeiro, que não exercem funções de especialistas, com menos tempo de exercício na carreira (≤ 25 anos), os que têm mais de 12 anos de exercício nos CSP, que exercem numa Unidade de Saúde Familiar, a exercerem funções na unidade de saúde há ≤ 8 anos e com Contrato Individual de Trabalho a Tempo Indeterminado. As variáveis sociodemográficas (idade, género e estado civil) não interferem nas atitudes dos Enfermeiros dos CSP face à parceria da família nos cuidados de Enfermagem.

Conclusão: As atitudes dos Enfermeiros dos CSP face à parceria nos cuidados de Enfermagem são positivas. A formação em Enfermagem de família potencia o conhecimento e inclusão da família em todo o processo de cuidar contribuindo para a melhoria dos cuidados dos prestadores.

Palavras-chave: Atitude; Enfermeiro; Cuidados de Saúde Primários; Família.



Título do Estudo: Autocuidados: Implicações na qualidade de vida em pessoas em Artrite Reumatóide

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Maria Madalena Jesus Cunha Nunes

Investigadores Colaboradores (alunos): Cátia Vanessa Almeida Assis, Diana Francisca Januário Cardoso Nunes, Laura Jéssica Góis Fernandes, Marta Filipa Correia da Mariana, Raquel Rodrigues

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Introdução: As doenças reumáticas são as principais responsáveis por perda de qualidade de vida dos doentes reumáticos, com graves repercussões físicas, psicológicas, familiares, sociais e económicas associadas. Este facto incitou-nos à realização deste estudo, com o principal objetivo de avaliar o Autocuidado e a Qualidade de vida (QDV) nas pessoas com artrite reumatoide.

Métodos: O estudo de natureza descritivo analítico-correlacional foi conduzido segundo um enfoque transversal, com 139 participantes, 79.86% do sexo feminino e com uma média de idades de 63.05 anos. Foram aplicados os questionários “Health Assessment Questionnaire” (Fries, 1978, versão portuguesa traduzida e validada por Santos, Reis, Rebelo, Dias, Rosa, & Queiroz, 1996) e o “Questionário EQ-5D – Avaliação de Ganhos em Saúde, versão portuguesa, 1997, 2013, EQ-5D v2 (Grupo EuroQoL, 1987, validada pelo Centro de Estudos e Investigação em Saúde da Universidade de Coimbra).

Resultados: O valor médio do índice EQ-5D foi de 0.400 ± 0.247 , correspondendo a uma razoável QDV nas pessoas com AR. Estados de saúde mais favoráveis foram verificados nas mulheres, onde 72.7% apresentou uma QDV razoável. A QDV diminui com o aumento da idade ($\rho=0.027$), com baixos níveis de escolaridade ($\rho=0.032$), associa-se com a fonte de rendimento ($\rho=0.025$), com a presença de dor ($\rho=0.002$) e com a perturbação gerada pela doença ($\rho=0.001$). A satisfação dos autocuidados “higiene pessoal”, “comer” e “deambular” é preditora da QDV ($\rho=0.015$). À medida que diminui a incapacidade funcional aumenta o estado de saúde/QDV ($\rho=0.00$).

Conclusões: Os autocuidados têm impacto na QDV da pessoa com AR. O papel interventivo de enfermagem deverá ir de encontro à satisfação das necessidades encontradas nesta esfera.

Palavras-Chave: Artrite reumatoide; Autocuidados; Qualidade de vida

Título do Estudo: Qualidade do sono nos adolescentes do 10º ao 12º ano de escolaridade

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Carla Cruz, Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Adriana Roberta Sousa Santos, Ana Lúcia Henriques Tojal, Daniel Rodrigues Guedes, Eduarda Patrícia Miranda Carvalho, Rita Salomé Silva Ângera

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Enquadramento: A fase da adolescência é marcada por mudanças que ocorrem em várias dimensões, física, psicológica e social, incluindo mudanças no padrão do sono, o qual desempenha um papel ativo no desenvolvimento geral do adolescente, especialmente em relação às funções restauradoras.

Objetivos: Determinar o modo como as variáveis sociodemográficas e contextuais, hábitos e estilos de vida, interferem na qualidade do sono em estudantes do 10.º ao 12.º ano de escolaridade; verificar se existe relação entre a sonolência diurna, fadiga crónica e a qualidade do sono em estudantes do 10.º ao 12.º ano de escolaridade.

Métodos: Estudo quantitativo, descritivo e correlacional, realizado numa amostra não probabilística de conveniência, constituída por 538 estudantes do 10.º ao 12.º ano de escolaridade, maioritariamente do género feminino (61,0%), com uma média de idades de $16,55 \pm 1,34$ anos, tendo a maioria (50,7%) dos estudantes 16-17 anos frequentando o 10.º ano de escolaridade (38,3%). Foi utilizado um questionário de caracterização sociodemográfica, contextuais aos Hábitos, Estilos de vida, a Escala de Sonolência de Epworth (ESE), o Índice de Qualidade do Sono de Pittsburg (IQSP) e a Escala de Fadiga Crónica.

Resultados: O género e a coabitação foram variáveis com diferenças estatisticamente significativas. Os rapazes têm melhor qualidade de sono ($p=0,008$) assim como os estudantes que coabitam com família monoparental, seguindo-se os que coabitam com família nuclear ($p=0,010$). Apresentam menor qualidade de sono as raparigas e os que vivem com outras pessoas em tempo de aulas. O consumo tabágico e de outras drogas são variáveis com relevância estatisticamente significativa, tendo-se apurado que os estudantes com melhor qualidade de sono são os que não consomem tabaco ($p=0,012$) nem outras drogas ($p=0,036$). Praticar desporto fora do horário escolar foi uma variável com relevância estatisticamente significativa ($p=0,039$), registando-se que os estudantes que praticam desporto fora do horário escolar revelam melhor qualidade de sono. Existe relação entre a fadiga crónica e a qualidade do sono dos estudantes ($p=0,000$), sendo os estudantes sem fadiga crónica, que revelam melhor qualidade do sono.

Conclusões: Face aos resultados encontrados considera-se necessário sensibilizar os adolescentes face aos hábitos de sono, sonolência diurna e literacia em saúde e capacitá-los para a diminuição de comportamentos de risco ameaçadores da qualidade do sono e da saúde em geral.

Palavras-chave: Adolescente; Qualidade do Sono; Estilos de Vida.



Título do Estudo: Hábitos de sono e Rendimento escolar em Adolescentes

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Maria Odete Pereira Amaral

Investigadores Colaboradores (alunos): Guilherme Carlos Rodrigues, Paula Ramos Antunes, Raquel Filipa Gomes Valente, Tomás Henriques Simões Ribeiro Marques, Vanessa da Silva Ferro

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Enquadramento: O sono é fundamental para a saúde e qualidade de vida ao longo do ciclo vital. As mudanças biológicas e sociais que ocorrem durante a adolescência podem influenciar os hábitos de sono e com consequências, entre outras, a nível do desenvolvimento físico, cognitivo e académico dos adolescentes.

Objetivos: Identificar hábitos de sono em adolescentes da Escola Secundária de Carregal do Sal; Caracterizar o rendimento escolar e analisar a relação entre a duração do sono e o rendimento escolar na referida amostra.

Métodos: Realizámos um estudo transversal analítico, envolvendo uma amostra de 149 estudantes com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos, do 8º ao 12º ano de escolaridade e da Escola Secundária de Carregal do Sal. Os dados foram recolhidos através de um questionário online e autoaplicado constituído por questões sociodemográficas, hábitos e rotinas de sono, Auto percepções e conhecimentos sobre o sono, questões sobre o desempenho escolar e a Escala Avaliação do Rendimento Escolar de Fermín, adaptada por Duarte (2008).

Resultados: Podemos verificar, sem associação significativa, que os rapazes deitam-se mais cedo e levantam-se mais tarde durante a semana e ao fim de semana deitam-se mais tarde e levantam-se mais cedo. O sexo masculino associou-se significativamente com o nunca ou raramente sentirem que precisavam de dormir mais ou apresentarem dificuldade em adormecer. A maior parte dos adolescentes (91,3%) referiu que considera o seu rendimento escolar acima da média. Dos adolescentes reprovados, a maioria apresenta como motivo a falta de estudo e cerca de 3% apresentam como motivo o dormir pouco. Os estudantes que dormem mais de 8 horas apresentam um rendimento escolar superior, contudo sem diferenças significativas.

Conclusão: Apesar da amostra reduzida, verificámos que os adolescentes que dormem mais de 8 horas apresentam um melhor rendimento escolar, contudo sem diferenças significativas. Perante estes resultados, reiteramos a importância do aumento da literacia sobre hábitos de sono e suas consequências em instituições escolares.

Palavras-chave: sono, adolescentes, rendimento escolar



Título do Estudo: Perfil dos Estudantes de Enfermagem da Escola Superior de Saúde de Viseu dos últimos 10 anos

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Ernestina Batoca, Professor Doutor João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Carolina Alves da Silva, Iúri Alexandre Marques Pinto, Rita Manuela Barbosa Martins, Sónia Raquel Cruz Brito, Viktoriya Komarova

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Introdução: O interesse em alargar o conhecimento sobre o perfil dos estudantes de enfermagem da Escola Superior de Saúde de Viseu (ESSV) nos últimos 10 anos constitui-se o foco do presente estudo, tendo por finalidade contribuir para a história da instituição, através da compilação dos dados sociodemográficos e académicos dos estudantes nesse período, constituindo-se também como uma oportunidade para disponibilizar aos outros essa informação.

Objetivo: Caracterizar o perfil dos estudantes de enfermagem da ESSV nos últimos 10 anos.

Métodos: Estudo quantitativo exploratório-descritivo e retrospectivo, tendo sido aplicado o método de pesquisa histórica. Para o estudo realizou-se um levantamento de dados de ex-alunos formados no período de 2009 a 2019, compondo um total de 1258 estudantes, cuja recolha foi disponibilizada pelos Serviços Académicos da ESSV em abril de 2020 mediante as variáveis consideradas. A escolha do período estudado de ser nos últimos 10 anos justifica-se pelo facto de ser mais fácil aceder aos dados, pois nesse período já se encontravam informatizados.

Resultados: Nos últimos 10 anos, ingressaram no Curso de Enfermagem (CE) maioritariamente estudantes do sexo feminino (70,6%), tendo, no total da amostra, uma média de $19,59 \pm 3,92$ anos, com predomínio de estudantes com 18 anos (44,5%), que não coabitam com companheiro (96,9%), de nacionalidade portuguesa (98,2%), sem usufruírem de bolsa de estudo (59,8%). Houve mais ingressos, nos anos letivos de 2011/2012 (10,7%), 2012/2013 (10,5%), 2010/2011 (10,3%), 2009/2010 (10,1%) e 2013/2014 (10,0%). Nos últimos 5 anos, o ano letivo de 2019/2020 registou mais ingressos de estudantes (12,2%). A maior décalage registada foi em 2014-2015 com um decréscimo de 27 estudantes seguindo-se o ano de 2016/2017 com menos 16 estudantes. Para o total da amostra, a média de idade dos estudantes à entrada no curso, foi de $19,59 \pm 3,92$ anos. As notas de ingresso até ao ano letivo de 2013/2014 e após 2014 indicaram, para a globalidade dos estudantes, uma média de 137,72 ($\pm 13,33$ valores). Maioritariamente, os estudantes ingressaram no CE pelo contingente geral (81,9%), encontrando-se deslocados (89,2%). Prevalecem os estudantes que abandonaram o curso por não renovação do mesmo (54,0%), tendo 45,4% terminado o curso com 15 valores, com conclusão do mesmo, na sua maioria, em 4 anos (90,4%).

Conclusão: O perfil dos estudantes de enfermagem são bem característicos e permitem contribuir para a história da instituição nos últimos 10 anos e encontram correspondência com os dados dos estudantes no ensino superior em Portugal.

Palavras-chave: Estudante de enfermagem; Perfil sociodemográfico; Perfil académico; Ensino de enfermagem.



Título do Estudo: Estado da Arte da Investigação em Enfermagem de Reabilitação na Escola Superior de Saúde de Viseu

Investigadores Principais/Orientadores: Professor Doutor Carlos Albuquerque

Investigadores Colaboradores (alunos): André Manuel Tomás de Carvalho Nogueira Carolina Ferreira Dias Helena Gabriela Rocha Coutinho Joana Patrícia Gonçalves Freitas Márcia Moreira do Nascimento

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Introdução: A Enfermagem, à semelhança de outras disciplinas, precisa de produção e de atualização constantes do seu próprio corpo de conhecimentos, o que somente poderá ser garantido pela investigação. Neste contexto, objetiva-se conhecer o estado da arte da investigação em Enfermagem de Reabilitação na Escola Superior de Saúde de Viseu, no período compreendido entre 2011-2020

Métodos: Estudo retrospectivo do tipo não experimental, de natureza quantitativa, seguindo uma via descritiva-analítica. Os dados foram recolhidos com recurso ao Repositório do Instituto Politécnico de Viseu, usando como descritores: “Repositório do Instituto Politécnico de Viseu”; “dissertações mestrado”; “Reabilitação”; “Escola Superior de Saúde de Viseu”. Incorporaram o corpus do estudo 113 relatórios finais dos cursos de Mestrado/Pós-licenciatura de Especialização em Enfermagem de Reabilitação.

Resultados: O ano com mais defesas de relatórios finais foi 2011-2012 (35,1%), destacando-se como autores os enfermeiros do género feminino no mesmo ano letivo (23,4%). Quanto à tipologia dos estudos primários (82,9%), a grande maioria é de natureza quantitativa (81,1%), sobressaindo os estudos com um tamanho amostral entre 51-100 inquiridos (47,8%), sendo maioritariamente o público-alvo o utente (67,4%). O instrumento de recolha de dados mais utilizado foi o questionário, (26,1%). Nos estudos secundários (17,1%), as revisões sistemáticas da literatura representam 15,3%. Relativamente às áreas prioritárias, 73 relatórios finais integram outras áreas de investigação em Enfermagem de Reabilitação, 22 a área de investigação em efetividade das intervenções de Enfermagem de Reabilitação, 11 a área de investigação no âmbito dos processos fisiológicos estudando as intervenções autónomas do Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Reabilitação na função motora e respiratória e 5 a área de investigação no âmbito dos processos adaptativos na dependência e no autocuidado em contexto domiciliário. A principal linha de investigação centrou-se no nível da Qualidade de Vida (n=43), seguido das Expectativas (n=34), Atitudes (n=9) e Satisfação (n=9), tendo como variáveis dependentes, maioritariamente, a (in)dependência funcional (n=17), a qualidade de vida (n=16), as lesões músculo-esqueléticas (n=10) e a satisfação (n=8).

Conclusão: Os relatórios finais produzidas na Escola Superior de Saúde de Viseu, no período visado, fortalecem a necessidade de se continuar a apostar na investigação em Enfermagem de Reabilitação, como ferramenta capaz de auxiliar os enfermeiros na sua prática profissional. O enfermeiro especialista fica, assim, capacitado para desenvolver um cuidado holístico, para além de otimizar as opções terapêuticas. Uma excelente intervenção requer um profissional que reconheça as mudanças desenvolvidas mentalmente dos doentes e seus familiares, bem como as respostas aos tratamentos adequados para que se possa tomar boas decisões clínicas, o que pode ser reforçado com a investigação.

Palavras-chave: Enfermagem, Reabilitação; Investigação; Estado da arte; Evidência científica.



Título do Estudo: A pessoa com Artrite Reumatoide: O impacto da dor na percepção da doença.

Investigadores Principais/Orientadores: Professora Doutora Madalena Jesus Cunha Nunes, Professor Doutor Mauro Alexandre Lopes Mota

Investigadores Colaboradores (alunos): Yuran Bernardino Fortes Figueiredo

Curso: 33º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Ano de realização: 2020

RESUMO

Introdução: Dentro da área de reumatologia, as doenças reumáticas são os principais causadores de dor e de perda de qualidade dos doentes. Que penaliza o doente de forma holística, física, psicológica, familiares, sociais, financeiras e espiritualmente. Foi este a razão de realizar o estudo para perceber a dor nas pessoas com artrite reumatoide.

Métodos: O estudo de natureza descritivo analítico-correlacional foi conduzido segundo um enfoque transversal, com 139 participantes, 79.86% do sexo feminino e com uma média de idades de 63.05 anos. Foi aplicado questionário com amostra de 139 participantes para obtenção dos dados sociodemográficos e a percepção da dor, na consulta de Reumatologia, ou mediante contacto telefónico após pandemia de Covid-19.

Resultados: As mulheres pontuaram, em média, com scores mais elevados no nível da dor, comparativamente aos homens (Média=50.59 vs. Média=48.04). A dor na escala visual analógica tem um valor médio de 50.08 (DP=27.135). As mulheres pontuaram, em média, com scores mais elevados no nível da dor, comparativamente aos homens (Média=50.59 vs. Média=48.04). A avaliação da percepção da atividade geral da doença, revelou que o mínimo foi zero (muito bem) e o máximo 100 mm (muito mal), com uma oscilação elevada em torno da média (CV=55.9%). O valor médio foi de 50.03 mm (DP=27.977), o que indica uma atividade geral da doença moderada, com as mulheres a pontuarem com uma pior atividade geral da doença, sem evidência estatística.

Conclusões: A dor tem impacto no estado geral de saúde da pessoa com AR. Logo os enfermeiros, as famílias têm um grande papel na forma com os doentes com AR percebem a sua dor.

Palavras-chave: Artrite Reumatoide, Dor, Percepção da dor.

